

Visuais Festival:

# Caminhos da performance

Convidadas do 15.º Videobrasil, Melati Suryodarmo e Coco Fusco surpreendem com seus trabalhos

Camila Molina

Quinta-feira à noite, no Sesc Pompéia, uma mulher com vestido curto, colado ao corpo, e sapatos vermelhos dança sobre 40 tabletes de manteiga. Ao som de tambores, ela vai amassando com os pés, cada vez mais, o bloco cremoso no chão escorregadio – e já nem se sabe se sua dança é feita de passos ou de gestos de autocontrole de seu corpo. Seus olhos estão esbugalhados, ela encara o público que muitas vezes ri de sua ação. A mulher deve juntar força para se equilibrar, não cair. Mas, durante cerca de 10 minutos, foram 21 tombos, alguns deles violentos. O que acontecia naquele espaço e tempo?

Tratava-se da performance da artista Melati Suryodarmo, um dos destaques do 15º Videobrasil, que tem como tema central o gênero performático. “Não fiquei machucada. Fui dançarina e uma professora, no Japão, me ensinou a proteger o meu corpo”, defende a artista. Em sua primeira passagem pelo Brasil, aos 36 anos, Melati, nascida na Indonésia, mas que

## INDONÉSIA DANÇOU SOBRE MANTEIGA E AMERICANA FEZ AÇÃO POLÍTICA

vive na Alemanha há sete anos, fez uma apresentação que deixou o público pasmo, chocado até mesmo depois que se vê somente os registros fotográficos de sua ação, *Exergie - Butter Dance*. “Compartilho a performance com o público. E ele tem liberdade total para interpretar o que estou fazendo”, diz Melati, que integra o Independent Performance Group, fundado pela sérvia Marina Abramovic, um dos grandes nomes do gênero performático desde a década de 1970. “Acredito que o corpo contém todos os rumos psicológicos que influenciam nossa vida presente e futura.”

Poderíamos pensar nas questões do equilíbrio precário e do autocontrole tão presente em sua performance, mas, como afirma a artista, sua ação



VALÉRIA GONÇALVES/AE



JOSE PATRÍCIO/AE



1. Coco lidera ação sobre a humilhação nas prisões americanas 2. Melati numa seqüência de tombos

parte de um dado autobiográfico. Seu trabalho fala de um processo de identidade, de mudança e choque culturais. “Nasci na Indonésia e vivo na Alemanha. Para mim, o processo cultural é rápido, como um pulo”, conta a artista. Ela usa de contradições – a música simboliza sua terra natal, mas o vestido, e os sapatos, outra cultura. Aquela mulher, vestida daquele jeito, parece querer se adequar a outros hábitos que não os de seu lugar de origem.

Já a artista americana Coco Fusco optou pelo viés estritamente político. Na sexta-feira, 13h30, sob muito sol, Coco chega uniformizada, como militar, liderando um grupo de 50 pessoas, vestidas de macacão laranja como prisioneiros americanos. Eles marcham sob a ordem de Coco, autoritária com um megafone, rumo ao consulado americano em São Paulo. Param e, ajoelhados, começam a limpar o chão com escovas de dentes. “Isso ocorre em todas as prisões americanas, tanto nas dos EUA como nas de Abu Ghraib e Guantánamo. Os soldados fazem os prisioneiros limpar as celas com escovas. A humilhação faz parte da disciplina dos prisioneiros”, diz Coco, que há 20 anos trabalha sobre as relações de poder. Sua corajosa performance, que durou 15 minutos, intitulada *Bare Life Study #1*, é a primeira de uma série sobre o papel das mulheres militares americanas – como vimos na imprensa, elas também torturam. São os caminhos da performance – e o Videobrasil apresentará muito mais: hoje, a do grupo feitoamãos e, ainda nesta semana, as ações de Ingrid Mwangi e da dupla Detanico Lain. ●

### ➔ Serviço

15.º Videobrasil. Sesc Pompéia. R. Clélia, 93, 3871-7700. 3.ª a dom., 10h às 21h (exposições, encontros, debates, mostras de vídeo, livraria e bar); a partir de 21h (performances); e 22h (VJ Nights). Grátis. Até 25/9. Informações pelo [www.videobrasil.org.br](http://www.videobrasil.org.br)